

MEMÓRIAS DE GERARDO DE MOURA LIMA E MARIA DAS GRAÇAS LIMA: UM RESGATE DA HISTÓRIA DE VIDA E DOCÊNCIA DE EDUCADORES DE MUCAMBO - CEARÁ

Andréia Amorim de Lima

Acadêmica do Curso de Pedagogia-UVA. andyamorym@gmail.com

Ivna de Holanda Pereira

Orientadora/Professora do Curso de Pedagogia-UVA. ivnapereira@gmail.com

Resumo: O artigo é resultante de uma pesquisa de cunho sóciohistórica, desenvolvida no projeto intitulado “Vidas, Histórias e Memórias de Educadores”, proposto na disciplina “A Pesquisa Sóciohistórica em Educação”, do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, em Sobral, Ceará. Foi realizada no município de Mucambo e teve como objetivo registrar memórias sobre experiências educativas e sociais de educadores na década de 1960. Recorreu-se de narrativas dos sujeitos, através de entrevista semiestruturada. Dentre os estudos bibliográficos destacam-se: Amorim (2015), Cambi (1999) Freitas (2002), Le Goff(1994), Lüdke (1986); Veiga (2003), outros, para a compreensão da importância e limites da memória e, ao mesmo tempo, o fazer educativo num tempo histórico, no município supracitado. Os relatos dos entrevistados, ex-professores Gerardo de Moura Lima e Maria das Graças Lima, evidenciaram trajetórias de vidas, práticas metodológicas/ pedagógicas, que até então, se misturavam a outras histórias esquecidas nesse imenso caleidoscópio da história da educação. Ao narrarem histórias, os professores permitem/permitiram às gerações de agora, reflexões sobre experiências educacionais e sociais, sentidos de vivências e aprendizagens. A possibilidade de investigar, escutar, registrar e divulgar excertos de memórias perdidos no tempo, visando ampliar os conhecimentos das atuais e futuras gerações, certamente foi e será um desafio permanente para aqueles que se propõem enveredar pelo caminho da história da educação. Por fim, a pesquisa possibilitou o exercício crítico-reflexivo sobre o contexto educacional em que os professores estavam inseridos e a compreensão de que a memória mesmo com suas limitações, é uma importante fonte de pesquisa.

Palavras-chave: História da Educação. Formação. Práticas Pedagógicas. Trajetória de Vida.

INTRODUÇÃO

*“O passado é uma
construção e uma reinterpretação
constante e tem um futuro que é parte
integrante e significativa da história”
Le Goff*

Este artigo apresenta excertos dos resultados da pesquisa realizada através do projeto intitulado “Vidas, Histórias e Memórias de Educadores”, proposto na disciplina “A Pesquisa Sóciohistórica em Educação”, do Curso de Pedagogia, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Ivna de Holanda Pereira, da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, em Sobral, Ceará, que dentre tantas discussões, propunha refletir sobre a existência de uma “meta história da educação” que omite/omitiu (propositalmente!), trajetórias educativas tecidas em diferentes lugares e que, ainda hoje, permanecem sem “visibilidade” na história da educação.

Desse modo, identificamos personagens de um passado-presente na história da educação de Mucambo, até então sem ressonância/ significação na memória coletiva do lugar. Esse esforço de transgredir caminhos aparentemente retilíneos, que durante tempos nos conduziram a absorver uma história tecida por “ilustres personagens”, agora, a partir desse processo de pesquisa, nos evocou aproximar a lupa, mudar/desviar seu ângulo seletivamente focado e, ainda que frágil, emergir fragmentos/partes, de uma história educacional do lugar.

Portanto, o objetivo foi refletir e registrar trajetórias de vidas, experiências educativas de alguns ex-educadores de Mucambo, Ceará, na década de 1960, possibilitando-os através de suas memórias, tecerem narrativas sobre condições sócias educacionais, processos formativos, aprendizagens, metodologias de ensino, enfim.

Assim, a realização desta pesquisa sugere que compreendamos a importância do lugar enquanto contexto fértil de historicidades e, ao mesmo tempo, ampliar conhecimentos quer sobre modos de vida, processos escolares e outros de tamanha importância. Ao narrarem histórias, os professores permitem/permitiram às gerações de agora, reflexões sobre experiências educacionais e sociais, sentidos de vivências e aprendizagens.

Mesmo atribuindo limitações, a memória é uma ferramenta indispensável à produção do conhecimento, é um contraponto ao processo voluntário de esquecimentos e silêncios, portanto, necessário atentar para sua importância enquanto fonte de investigação.

O CAMINHAR METODOLÓGICO

Tratou-se de uma pesquisa de natureza qualitativa-descritiva de cunho sóciohistórica, com abordagem na pesquisa narrativa, realizada no município de Mucambo/CE, de agosto a dezembro de 2016, com os educadores Gerardo de Moura Lima, de 85 anos e Maria das Graças Lima, de 53 anos, filha de Gerardo, ambos aposentados.

A metodologia deu-se a partir da história oral, com apoio da entrevista semiestruturada intermediando diálogos não muito fáceis, tanto para investigados quanto para investigadores, com o intuito de buscar memórias, necessitando por isso, complementos, interpelações/indagações nesse transcurso de conversas que iam sendo filmadas sem roteiros definidos, cujo cenário era simplicidade da sala da casa dos entrevistados. Pai e filha, ambos educadores em tempos diferentes, porém, fortemente com histórias entrelaçados, teciam diálogos às vezes estimulados por olhares entre si, que a nós pesquisadores pareciam jatos, feixes de estímulo à memória de ambos.

Freitas (2002), propõe que a entrevista não se reduza a troca de perguntas e respostas previamente preparadas, nela, o sujeito se expressa, reflete a realidade de seu momento histórico e social, sendo, portanto, um exercício dialógico. Da mesma forma, Lüdke (1986), menciona que o registro pode variar conforme a situação específica de observação. Nesta pesquisa, o registro das observações deu-se por meio de anotações escritas, fotografias e gravação para posterior produção de vídeo, atualmente subsidiando estudos e reflexões sobre a história da educação nos municípios de abrangência da UVA, especialmente através do Grupo de Pesquisa em História e Memória Social da Educação e Cultura – MEDUC, vinculado ao Curso de Pedagogia, cadastrado no CNPq e o qual essa pesquisa se vinculou.

Para que pudéssemos estabelecer aproximações/diálogos sobre o que desejávamos compreender nesse processo de tessitura de construções/apontamentos sobre a história da educação de Mucambo, realizamos concomitantemente leituras, discussões, reelaborações de planejamentos, revisões de literatura, enfim, condições possíveis e necessárias para pisarmos nesse campo movediço, fértil e denso à medida em passamos a ampliar o foco de nossas lentes sobre a história da educação. Em se tratando dessas leituras, citamos algumas a saber Amorim (2015), Cambi (1999) Freitas (2002), Le Goff (1994), Lüdke (1986); Veiga (2003).

Nesse processo investigativo surgiram muitas indagações, algumas com análises ao nosso alcance, outras ainda carecendo aprofundá-las, porém, registradas para trabalhos futuros quando, quem sabe, outros viventes mucambenses forem instigados, assim como nós fomos, à caminhar pelas veredas tortuosas da história vivida.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os depoimentos de Gerardo de Moura Lima e Maria das Graças Lima nos permitiu/permitem compreender excertos de trajetórias de vida, formação, práticas pedagógicas, metodologias de ensino, esmaecidas no processo de conhecimento sobre a história da educação de Mucambo.

Gerardo de Moura Lima, nasceu em 19 de janeiro de 1932, no sítio Bananeira, em 1966, iniciou o ofício de docente em sua residência, lecionou ali por 18 anos, à serviço de seus oito filhos e crianças da comunidade. Maria das Graças Lima, filha de Gerardo, nasceu no dia 03 de novembro de 1964, no Sítio do Touro, também distrito de Mucambo, lecionou de 1966 até 2004, assumindo o lugar do pai, continuando a tradição familiar.

Em suas lembranças acerca da experiência em sala de aula, Gerardo relata que:

Naquela época, não existia colégio, então a gente ia lecionar em casa mesmo. (...) os assentos eram pequenos, era pouco, aí eu tirei madeira, fiz banco, enfiei forquilha e

botei o banco para os alunos se sentarem. Eu era alfabetizador, mas pegava gente de primeiro ano, cartilha, pegava do ABC. (...) eu ensinava aquela parte do ABC até o Z. Quando eu passava a lição da casa do ABC, também passava de outros livros. Mais tarde recebia a lição, quando estava perto de sair. (...), antes de receber a lição eu fazia um rascunho para leitura, para escrever. Eu fazia o ABC de lápis para eles cobrir de tinta.

Nesse depoimento, Gerardo traz questões relevantes: fala de um tempo em que o acesso à escola era escasso, principalmente no meio rural, acrescentamos que agrado pela dificuldade de estradas vicinais, locomoção e adversidades climáticas que historicamente, assolam o semiárido nordestino. Também, se refere à mobília da sala de aula, ele próprio construiu os assentos para os alunos sentarem, nos remetendo a pensar em ações para além daqueles dirigentes ou chefes políticos à época, em busca de solucionar situações. Mas que motivações levavam Gerardo à fabricar até a mobília escolar? Quanto ao ofício docente, se declara alfabetizador e que ensinava crianças de diferentes séries, tudo junto, registrando a existência das denominadas classes multisseriadas, onde exigia que o professor trabalhasse simultaneamente, diferentes conteúdos. Temos aí um leque de desafios que caracterizaram a educação e que, ainda hoje, podemos dizer, respinga no campo da escassez de análises sobre seus desdobramentos para o processo educativo do lugar. O que representava ser alfabetizador no tempo vivido por Gerardo? Que habilidades possuía e sentidos circundavam esse fazer educativo? Que possibilidades de diálogos teríamos entre educadores em tempos de Gerardo e os de agora, sobre processo de alfabetização?

Em se tratando das denominadas salas multisseriadas, temos ainda uma literatura que pouco acrescenta sobre possibilidades de aprendizagem dos estudantes, metodologias, enfim. Porém, para aguçar nossa necessidade investigativa, registramos o dito por Amorim (2015, p.4): “possibilitam uma socialização, quer na transmissão de conhecimentos, na veiculação das crenças e valores, quer nas interações de seus sujeitos, nas relações sociais com a comunidade e nas rotinas que se manifestam na amplitude do espaço escolar”.

Ao recordar de sua prática educativa e metodologia de ensino, Gerardo conta que nos finais de semana realizava revisões para saber se os alunos tinham realmente aprendido, caso contrário, não passava para outro conteúdo:

Quando chegava os finais de semana, fazia revisão, para saber se eles conheciam aquela lição, porque as primeiras semanas eram muito mais difíceis. Eu só passava para outra lição quando eles aprendiam aquilo ali, enquanto eles não aprendessem aquela parte eu não passava para outra, porque tinha ABC de dois jeitos: tinha de impressa, tinha de mão e depois é que passava para as sílabas.

Esse método parece não dar conta dos processos de aprendizagem que as escolas públicas de Mucambo e de outros municípios, atualmente aplicam. Lembramos que muitos

professores, assim como Gerardo, perderam espaços quando as reformas suscitadas a partir da LDB 9394/1996, passaram a exigir “novos” perfis de alfabetizadores, fato que de certa forma, desconsiderou esforços em alfabetizar, empreendidos por esses educadores.

Nostalgicamente, ao falar de sua trajetória como docente, Gerardo relata que seu pai, Pedro Tomás de Moura, foi seu professor. Nesse momento, Gerardo contou com a ajuda de sua filha, Maria das Graças Lima, que relata que seu avô, Pedro Tomás de Moura, repassou a função de educador para Gerardo quando a idade lhe comprometera e, tempos mais tarde, essa missão seria dada à Maria, a qual passou a lecionar juntamente com seu pai, ajudando-lhe no que fosse preciso.

Sobre sua trajetória formativa, Gerardo nos conta:

Naquela época ninguém fazia prova. A prova que a gente fazia, era quando lia um livro todinho até o final, já passava para outro. Não tinha esse negócio de gramática. Ninguém estudava aquelas gramáticas. Eu não tinha série nenhuma. Quando fui para Brasília, fui para a Escola Parque, à noite...eu cheguei lá me perguntaram qual era a minha série, eu disse: não tenho! Disseram assim: nós vamos fazer aqui um ditado para você, estude aí que a gente sabe qual a sua gramática. Depois me mandaram comprar um livro da minha série, Infância brasileira. Fiquei pegando as lições deles e foi quando aprendi alguma coisa sobre gramática, monossílaba, dissílaba, trissílaba, polissílaba, mas só estudei um mês. Eu cursei o 3º ano primário.

O acesso à educação era bem mais difícil, quem almejasse melhorar a formação precisava se descolar para cidades. Como relata Gerardo, ele precisou se locomover da cidade de Mucambo para Brasília, no ano de 1960, pois houve a necessidade de ele concluir o ensino primário para lecionar em casa, devido à exigência imposta pela gestão administrativa da época. Gerardo estudou durante um mês em Brasília e cursou o 3º ano primário. No ano de 1983, continuou os estudos para atuar na escola, lecionando desde a alfabetização ao ensino fundamental. Houve um momento em que Gerardo mostrou seus livros do curso de qualificação de professores, 1º Grau, os quais estudou para lecionar e certificados do ensino supletivo.



Figura 01: Gerardo ao lado de sua filha Maria.



Figura 02: Gerardo mostrando o livro de qualificação de professores.

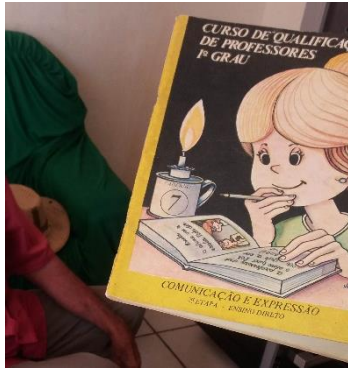


Figura 03: Livro do curso de qualificação de professores, 1º Grau.



Figura 04: Certificado do Ensino Supletivo.

Em 1984, Gerardo doou um pedaço de terreno ao lado de sua residência para que fosse construída uma escola que passaria a se chamar de Escola Pedro Tomás de Moura, em homenagem ao pai, educador da região. A estrutura da escola era composta por uma sala de aula, cozinha, banheiro e pequena área aberta. Nessa escola, Gerardo continuou por mais de 20 anos o ofício de alfabetizar. Em 2005, a escola Pedro Tomás de Moura foi desativada, devido a existência de outras escolas com melhores estruturas e mais espaço, conforme as fotos abaixo.



Figura 05: Escola Pedro Tomás de Moura.



Figura 06: Sala de aula da Escola Pedro Tomás de Moura.

Nesse caminhar pelas veredas da memória, consideramos importante visitar a escola, fato que nos permitiu refletir sobre que representação/significação as gerações que por ali circulam diariamente, atribuem à essa escola? Provavelmente, uma escola “abandonada”, porém para Gerardo, símbolo que ainda alimenta a memória de uma família que se dedicou à escolarização? Símbolo de prestígio em remotos? Que situações se interpuseram nessa trajetória que tornaram a escola inadequada ou impossibilitada de funcionar?

Segundo Maria, quando Gerardo trabalhava em casa, a esposa era merendeira voluntária, depois, construída a Escola no Sítio do Touro, a carteira foi assinada, passou a ser remunerada.

Foi nessa mistura/interligação de memórias, que a história de Maria se revelava, denotando um contínuo pulsar de vidas que se entrelaçavam em torno daquilo que estávamos pesquisando. Maria, sentada próxima e atenta aos lapsos de memória do pai, ia sem que percebêssemos de início, complementando e revelando ao mesmo tempo, sua trajetória de educadora.

Com o tempo eu fui aluna dele. Eu acompanhava muito ele, ajudava nas tarefas dos meninos, para copiar, para tudo, ajudava a dar aula. Eu tinha o 2º ano e como ele precisava trabalhar na agricultura, porque a renda era muito pouca como educador, fiquei lá de menor com 14 a 15 anos. Eu fui estudar na escola do Estado, fiz o 3º ano e ensinava da alfabetização à 2ª série, na época. Eu não fiz a 4ª série, da 2ª série passei para a 5ª, porque eu tinha a nota muito boa, nessa época eu era muito inteligente, estudei até a 8ª série. Estudei o normal e passei um tempo sem estudar. Depois fui fazer faculdade na UVA [cursava física], mas não terminei porque não aguentei, tive problema de saúde.

Esse relato nos impulsiona refletir sobre a importância atribuída à agricultura para a sobrevivência da população do meio rural, (e porque não pensar da cidade também!), contrariando visões equivocadas que não enxergam a necessidade de políticas públicas eficientes para a agricultura familiar. Era um tempo em que os filhos ajudavam os pais na roça, cuja prioridade era garantir o plantio e a boa colheita, se assim o inverno permitisse.

O agricultor-professor Gerardo lembra que:

Era de uma às cinco que eu ensinava, do meio dia pra tarde. No tempo que eu comecei o seu Raphael Cláudio de Araújo, prefeito da época, queria mudar pra manhã, aí eu disse: Não! Não faça isso, isso aí não dá pra eu sobreviver, tenho que trabalhar, o ganho é muito pouco, se eu trabalhar de manhã até meio dia [na agricultura], depois do almoço eu começo até às cinco da tarde, porque às vezes na hora da aula, à tarde, chove e nessa hora estamos em casa estudando, aí não perde tempo. Ele falou: Ah, então pode ficar!

O exercício de Maria com o magistério foi assim, envolvida numa mistura de profissões do pai agricultor-docente e vice-versa, aprendo com a situação, sem formalidades, mas assumindo responsabilidades que a docência à época, propunha. A didática era uma quase imitação do pai, fazia o possível dentro das circunstâncias.

Nesse contexto social de pouco recursos até para comer, o material didático era coisa difícil de ser adquirida pelos pais daqueles que desejavam estudar. Segundo Maria, era Gerardo quem comprava caderno, lápis, papel almaço e dividia entres as crianças:

Nessa época da escola todo mundo era agricultor, filho de agricultor, os alunos também. A sociedade, todo mundo vivia da agricultura, as crianças eram muito pobres e quando alguma tinha caderno arrancava uma folha para ser entregue à outra criança que não tinha. Às vezes o lápis era dividido em três pedaços. Quando um aluno tinha uma folhinha e terminava a lição já passava para outro aluno, para ganhar tempo e para não utilizar muito material, porque não tinha mesmo, nem o pessoal tinha para comprar e nem ninguém para dar. Não é como hoje, que é diferente, você ganha tudo numa escola para estudar e tem uns que ainda não querem, nessa época os meninos queriam ir para a escola. Por quê? Porque ou eles

iam para a escola ou eles iam para o roçado mesmo. Tinha merenda na escola, alguns alunos só comiam uma vez e tinha outros que só iam pela merenda, porque nem almoço eles tinham para comer. Só era filho de gente pobre mesmo, do interior mesmo!

Outro importante depoimento, revela a percepção que Maria possui sobre a condição da mulher numa sociedade marcada pela exclusão social e preconceito.

Nessa época não existia aposento, a mulher não podia trabalhar fora, só na cozinha. Os homens eram no roçado e as mulheres ajudavam eles na agricultura. Era totalmente diferente de hoje, em que a mulher já tem liberdade de trabalhar fora.

Era um tempo em que professores cuidavam da vida religiosa dos alunos. Gerardo conta que foi catequista por dois anos, que realizava a primeira comunhão, mas deixou para Maria essa tarefa, pois acreditava ser uma incumbência que não dava certo para homens. Maria intervém dizendo que iniciava as aulas com a oração Pai Nosso, mas que a preparação do catecismo, acontecia em outro horário.

Nossas reflexões se agarram aos tempos atuais em que a discussão sobre religião, enquanto conteúdo obrigatório nas escolas, suscita as mais diferentes opiniões requerendo cautela face aos fanatismos que produzem intolerância e preconceito.

As memórias de Gerardo e Maria esbaram na famosa palmatória! Na época de Maria, não mais existia. Porém, suas recordações dizem que Gerardo tinha uma, servia apenas para segurar os papéis por causa do vento. Complementa dizendo que: “A palmatória era usada pelos alunos”, que passavam a semana estudando a tabuada para na sexta, formarem duplas para competir.

Sobre isso, relata Maria:

Às vezes a gente utilizava a palmatória, mas tinha que ter a tabuada. Tinha o estudo da tabuada a semana todinha para sexta-feira, colocar dois alunos em dupla. O que perdia do outro levava a palmada. Mas tinha que o professor ficar ali perto e dizer que é devagar, que é só uma vez e pronto. Só que se fosse hoje quebrava a mão do outro, mas nessa época não. Se fosse hoje o aluno pegava de volta e abarcava na cabeça do professor.

Veiga (2003), conforme citado por Aragão (2006), registra que a palmatória era considerada um meio pedagógico importante para manter a ordem em sala de aula e que deveria ser usada apenas pelo mestre e servir para bater “somente” na palma da mão esquerda, com dois ou três golpes no máximo. Entretanto, existiam professores como Gerardo e Maria que eram contrários a esses castigos físicos, pois acreditavam que havia outras maneiras de educar e controlar o comportamento dos alunos, por meio de conversas e estratégias que lhes prendessem a atenção. A palmatória, para esses educadores, era utilizada pelos alunos como um objeto de uma brincadeira, onde todos queriam participar, e isto era um incentivo para as crianças.

CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS.

A pesquisa nos proporcionou diferentes aprendizagens, dentre elas ressaltamos a aproximação com Gerardo e Maria que esquecidos pela história do lugar, revelaram aspectos importantes sobre a educação de um tempo aparentemente distante, mas elos significativos para compreensão do sistema educacional na atualidade. Além disso, a pesquisa deu visibilidade às vozes, às memórias, antes silenciadas por um sistema que nos induz pensar especialmente a história da educação brasileira, na perspectiva das grandes histórias, das metas histórias. Pensamos em tantos Gerardos e Marias que certamente vivem nesse imenso Brasil, no aguardo de um estímulo para suas memórias.

Por fim, a pesquisa nos possibilitou um exercício crítico-reflexivo tanto sobre o contexto educacional em que os professores estavam inseridos, como também para a compreensão de que a memória é uma importante fonte de pesquisa. Suas limitações enquanto recurso metodológico, não invalidam a riqueza da possibilidade que exerce para estimular narrativas sobre um passado perdido no tempo, que ao ser contado e recontado permitirá às gerações presente, conhecerem e refletirem sobre esse tempo, sem julgamentos preconceituosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Daiana Aparecida Marques do. **Educação rural e as salas multisseriadas**: uma reflexão sobre as políticas públicas para esse contexto. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/poster-gt14-4207.pdf>>. Acesso em 07 de Out de 2017.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, pju. 1 h2o1/-3290,0 j2ulho/ 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LÜDKE, Menga. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: _____. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PEREIRA, Ivna de Holanda. A história da educação: escutas, sentimentos e (re) descobertas nos espaços da UVA. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al* (Org.). **História da Educação Comparada: Discursos, Ritos e Símbolos da Educação Popular, Cívica e Religiosa**. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 476-488.

_____. O uso da fotografia para o estudo da História da Educação Brasileira. In: BRANDÃO, Israel Rocha; ARAÚJO, José Edvar Costa. (Orgs). **Educação contextualizada**. Fortaleza: Editora Caminhar, 2015.

VEIGA, Cynthia Greive. Sentimentos de vergonha e embaraço: novos procedimentos disciplinares no processo de escolarização da infância em Minas Gerais no século XIX. Anais do II Congresso de História da Educação de Minas Gerais. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2003. In: ARAGÃO, Milena. **Práticas dos castigos escolares: enlaces históricos entre normas e cotidiano**. Conjectura, v. 17, n. 2, p. 17-36, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1648/1024>>. Acesso em: 11 de Out de 2017.

